
RELATO DE PESQUISA: OS AUTISMOS E A CLÍNICA CONTEMPORÂNEA

Gabriela Oliveira Lourenço; Eduardo Toshio Kobori.

lourenco.gabrielaoliveira@outlook.com

Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos - UniFIO

Introdução:

O aumento de diagnósticos de autismos em crianças vem impulsionando discussões que alcançam dimensões sociais, educacionais e políticas. Em meio a esse cenário, emergem inquietações sobre os critérios diagnósticos, a expansão do discurso biomédico e a recorrente medicalização da infância. Observa-se uma tendência à patologização com base em modelos classificatórios reducionistas, como no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), a qual, por vezes, pode desconsiderar manifestações subjetivas associadas à complexidade da constituição psíquica infantil (Laurent, 2014; WHO, 2023). Nesse contexto, a partir da última edição do DSM, o autismo passou a englobar uma gama de sintomas outrora atribuídos à psicose, tornando-se um diagnóstico preferencial diante das distintas formas de manifestações subjetivas. Diante disso, enfatiza-se a necessidade de uma escuta voltada para as formas singulares de existência dos sujeitos com autismos, deslocando o foco da classificação para a construção de sentidos genuínos (Maleval, 2017; Laurent, 2014).

Apesar de não existir um consenso sobre sua etiologia, esses estados de sofrimento psíquico grave vinculam-se a falhas na constituição psíquica precoce, e não somente como um transtorno neurobiológico isolado. Nesse funcionamento, a ausência de representação psíquica, dificuldades no estabelecimento de vínculos afetivos e comunicação, com presença de defesas primitivas contra experiências de desprazer e intrusão sensorial, marcam o quadro. Consequentemente, a repetição, rigidez, mutismo e comportamentos autoestimulatórios emergem enquanto tentativas de proteção contra angústias insustentáveis não simbolizadas. Entende-se, dessa forma, que se deve exercer a escuta e o cuidado, para essa forma singular de organização psíquica, para além de critérios classificatórios, considerando os processos de construção, subjetivação e simbolização (Tustin, 1990; Alvarez, 2020; Ferreira & Abrão, 2015).

Toma-se como ponto de partida a correlação entre ausências e presenças psíquicas e processos de simbolização, bem como mecanismos de proteção oriundos de desorganização sob vivências primárias. Tal disparador suscita debate sobre visão dos autismos desde as práticas clínicas a políticas públicas.

Objetivos:

O objetivo deste trabalho é compreender a subjetividade das crianças autistas por meio da investigação dos processos psicodinâmicos inerentes aos pensamentos, sentimentos e emoções, os quais se apresentam imprescindíveis para diagnósticos diferenciais, tratamentos, intervenções e evoluções clínicas em atendimentos psicológicos. Tal perspectiva é ampliada com aplicação de entrevistas direcionadas a psicólogos clínicos, para entender as demandas emergentes do fenômeno estudado, sublinhando práticas de condução clínica que favorecem a abertura para mudanças e intervenções psicológicas.

Intenta-se ampliar o debate sobre a clínica psicanalítica com crianças com autismos, contribuindo com novas perspectivas, acadêmicas e para a comunidade, sobre as distintas formas de sofrimento psíquico infantil, tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista prático.

Método:

O recorte aqui descrito é oriundo do projeto de pesquisa intitulado “*Autismo e clínica psicanalítica: investigações sobre a prática do psicólogo*”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-empírica, a qual parte de entrevistas realizadas com seis psicólogos de orientação psicanalítica atuantes na região de Ourinhos/SP, com aproximadamente cinco anos de experiência clínica ou em instituições, como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Logo, este ensaio, sustentado sob referencial teórico psicanalítico, busca a intersecção entre a literatura e os dados oriundos das entrevistas semiestruturadas, as quais foram precedidas de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado (CAAE 84636124.4.0000.0332). Os diálogos foram transcritos com auxílio do software *TurboScribe* e complementados por registros em diário de bordo, para apreensão de aspectos dinâmicos, manifestações inconscientes e pulsionais dos autismos (Hutz et al., 2016; Marconi & Lakatos, 2017).

A análise dos dados seguiu os parâmetros propostos pela Análise de Conteúdo de Bardin (2011), dividida em três etapas: pré-análise, codificação e categorização com apoio do software ATLAS.ti e, por fim, interpretação e aprofundamento conceitual. Os alcances evidenciaram que a maioria das falas se concentrou nas categorias “Prática e manejo clínico” (28,2%) e “Processos de subjetivação e simbolização” (33,3%), revelando o foco dos entrevistados na escuta do sofrimento psíquico e na construção do vínculo terapêutico.

Resultados e Discussão:

Na categoria “Identificação e concepção diagnóstica”, a identificação parte da percepção de fatores constitutivos, ambientais e relacionais. Nesse sentido, os entrevistados relataram que os autismos podem estar associados a dificuldades de simbolização e ausência de representação psíquica, frequentemente oriundas do ambiente primário e retraimentos precoces, como assevera Alvarez (2020). Para a identificação de sinais e indicativos de risco, alguns psicólogos utilizam instrumentos como norteadores das apreensões. Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI), Acompanhamento Psicanalítico de Crianças em Escolas, Grupos e Instituições (APEGI), *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) e *Children's Apperception Test* (CAT) e suas variações são utilizados, desde que articulados à escuta clínica (relações de objeto), aos conflitos pulsionais e às manifestações inconscientes (Cortezia & Donelli, 2022; Kupfer et al., 2018; Trinca, 1984; Lisondo et al., 2017).

Em relação à “Prática e manejo clínico”, destaca-se a relevância da participação dos pais ou cuidadores no processo psicoterapêutico (Aberastury, 1982), o uso do brincar como meio de expressão simbólica (Lisondo, 2006; Tavares, 2019), e a transferência como eixo estruturante do vínculo (Freud, 1937/2023; Klein, 1946/2023). A disponibilidade lúdica do psicoterapeuta e sua capacidade de conter angústias primitivas são vistas como fundamentais para a construção de novos sentidos (Bion, 2021; Tavares, 2019).

Na última categoria, “Processos de subjetivação e simbolização” os profissionais enfatizaram os riscos da cristalização diagnóstica e a importância de reconhecer os sinais e indicativos de risco como expressões psíquicas e não como rótulos fixos. A psicanálise, nesse contexto, pode conduzir à simbolização a partir da abertura de um espaço para transformações internas (Klein, 1930/1996; Almeida, 2024; Maleval, 2017).

Conclusão:

O presente estudo destacou a importância da escuta clínica e do manejo atento ao sofrimento psíquico, indo além da rotulação diagnóstica, como fonte de transformações significativas e evolução desses estados. Associadas a isso, as manifestações verbais e não verbais, a forma com que a criança brinca e estabelece relações internas e externas, a transferência e a participação familiar emergem como aspectos essenciais para promover a simbolização de vivências não nomeáveis. Consequentemente, a construção de um espaço

transicional e a oferta de suporte emocional permitem que experiências primitivas sejam elaboradas simbolicamente, favorecendo o desenvolvimento subjetivo e afetivo.

Conclui-se, portanto, que a prática clínica com crianças com autismos requer não unicamente técnica, mas uma escuta ética e comprometida com o reconhecimento do sujeito em sua totalidade, abrindo caminhos para novas possibilidades de subjetivação.

Referências:

ABERASTURY, A. **Psicanálise de criança**. Porto Alegre: Artmed, 1982.

ALMEIDA, A. P. **Melanie Klein além da clínica: contribuições à educação escolar**. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2024.

ALVAREZ, A. **Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, desamparadas e que sofreram abuso**. São Paulo: Blucher, 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BION, W. R. **Aprender da experiência**. 5. ed. São Paulo: Blucher, 2021.

CORTEZIA, F. S.; DONELLI, T. M. S. Avaliação dos Indicadores Clínicos de Risco no Desenvolvimento Infantil ao longo da psicoterapia psicanalítica pais-bebês. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 25, n. 2, p. 287–309, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2022v25n2p287.3>>. Acesso em 11 jul. 2025.

FERREIRA, J. A.; ABRÃO, J. L. F. **Frances Tustin: nomeando o inominável**. São Paulo: Zagodoni, 2015.

FREUD, S. Construções na análise (1937). *In: Fundamentos da clínica psicanalítica*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

HUTZ, C. S.; BANDEIRA, D. R.; TRENTINI, C. M.; *et al.* **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946). *In: Inveja e gratidão e outros ensaios 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIN, M. A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego (1930). *In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUPFER, M. C. M.; BERNARDINO, L. M. F.; PESARO, M. E. Validação do instrumento “Acompanhamento Psicanalítico de Crianças em Escolas, Grupos e Instituições” (APEGI). **Estilos da Clínica**, v. 23, n. 3, p. 558–573, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i3p558-573>>. Acesso em 11 jul. 2025.

LAURENT, É. **A batalha do autismo: da clínica à política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LISONDO, A. B. D. de. Os desafios da psicanálise ante as novas patologias. **Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, v. 8, n. 1, p. 37–77, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.60106/rsbppa.v8i1.209>>. Acesso em 11 jul. 2025.

LISONDO, A. B. D. de; BATISTELLI, F. M. V.; SILVA, M. C. P. da; *et al.* Sinais de mudança em autismo: prisma, um instrumento de pesquisa. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 51, n. 4, p. 225–244, 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000400015>. Acesso em: 12 maio 2025.

MALEVAL, J-C. **O autista e a sua voz**. São Paulo: Blucher, 2017.

MARCONI, M. de A ; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

TAVARES, T. A. **O brincar na clínica psicanalítica de crianças com autismo**. São Paulo: Blucher, 2019.

TRINCA, W. **Diagnóstico psicológico: prática clínica**. São Paulo: EPU, 1984.

TUSTIN, F. **Barreiras autistas em pacientes neuróticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WHO. **Autism Spectrum Disorders**. World Health Organization. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>>. Acesso em: 11 jul. 2025.